

Mailson pede apoio ao Brady

O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, pediu ontem nos Estados Unidos, uma participação mais concreta dos bancos privados credores no plano de redução da dívida externa do Terceiro Mundo proposto pelo secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady. Mailson disse que o sucesso no plano depende não só da rapidez de sua execução, mas, principalmente, da efetiva ajuda financeira dos bancos — para redução do estoque e dos juros da dívida.

O ministro formulou seu apelo em discurso feito durante a II Conferência da Universidade de Harvard sobre a Dívida Latino-Americana, da qual participam banqueiros internacionais, ministros da Fazenda da América Latina e especialistas em dívida externa dos Estados Unidos. Hoje, Mailson terá um encontro em Washington, com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Condessus, e na quarta-feira, antes de retornar ao Brasil, será recebido pelo secretário de Tesouro norte-americano, Nicholas Brady.

Mailson da Nóbrega lembrou em seu discurso que alguns países latino-americanos alcançaram consideráveis progressos na estabilização de suas economias, embora outros, como é o caso do Brasil, enfrentam déficits fiscais elevados e fortes pressões in-

flacionárias decorrentes, sobretudo, do excessivo peso da dívida. Ele acrescentou que a transferência de recursos, em virtude do pagamento aos credores, reduziu a capacidade de investimento e crescimento, fazendo, por exemplo, com que o Brasil tenha apresentado, nas últimas décadas, uma redução de 25 por cento para 18 por cento do PIB em sua capacidade de investimentos. "Um dos motivos para esse declínio foi a reversão dos fluxos financeiros. Enquanto nos anos 70 o Brasil recebeu anualmente poupanças externas correspondentes a 4 por cento do PIB, nos anos 80 foi obrigado a exportar uma parcela considerável de sua poupança", destacou.

BANCOS

O ministro ressaltou que, em função desses problemas, as novas iniciativas de redução do endividamento, são bem-vindas por parte dos países endividados, mas argumentou, numa clara referência ao Plano Brady, que os programas de redução da dívida requerem a participação significativa dos bancos credores, para que seja possível um alívio substancial no estoque e no serviço da dívida. Segundo explicou, os contatos mantidos até o momento com o FMI e o Banco Mundial — responsáveis diretos

pela implementação do Plano Brady indicam que são ainda modestas as fontes disponíveis de recursos para o apoio a operações de redução da dívida.

"Se estas instituições esperam contar basicamente com recursos provenientes de seus programas normais de assistência financeira, as operações de redução da dívida terão que ser diluídas através dos anos e perderão impacto tanto em termos de um alívio global no peso da dívida quanto na reversão de expectativas", reclamou o ministro.

Mailson argumentou também que os bancos foram capazes de aumentar seu capital e reservas e que estão preparados a participar de um esforço conjunto com os organismos internacionais de crédito no sentido de solucionar o problema. Além disso, frisou que é necessário que se chegue o mais rápido possível a uma definição quanto à modalidade da participação do FMI e do Bird no Plano, porque, em caso contrário, a América Latina sofrerá uma maior deterioração econômica, dificultando ainda mais sua capacidade de enfrentar os seus crescentes problemas sociais. "Estamos no caminho certo, mas o sucesso da nova iniciativa dependerá da determinação dos bancos credores de se juntar a esse esforço conjunto com vistas à solução do problema da dívida", concluiu.